

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 2

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-28-3 DOI 10.22533/at.ed.283201302</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.710981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS POR CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL A PARTIR DO JOGO BOLA NA CAÇAPA	
Flávia Cristina dos Reis Abud Fonseca Ana Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.2832013021	
CAPÍTULO 2	8
CONSTRUCCIÓN DEL PENSAMIENTO Y CONOCIMIENTO CIENTÍFICO, UNA PROPUESTA PARA EL AULA	
Liliana Esther Mayoral Nouvelière Eugenia Cristina Artola Francisco González García	
DOI 10.22533/at.ed.2832013022	
CAPÍTULO 3	27
COTIDIANO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DAS “ARTES DE FAZER”	
Letícia de Oliveira Castro Heloísa Raimunda Herneck	
DOI 10.22533/at.ed.2832013023	
CAPÍTULO 4	38
CULTURA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O DIÁLOGO ENTRE OS SUJEITOS QUE FAZEM A EDUCAÇÃO	
Alexandre Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2832013024	
CAPÍTULO 5	51
DESENVOLVIMENTO DO DESIGN COGNITIVO DO MUSEU VIRTUAL DA ESCOLA PARQUE DE ANÍSIO TEIXEIRA VIA PESQUISA-APLICAÇÃO - DBR	
Ednei Otávio da Purificação Santos Alfredo Eurico Rodrigues Matta Jaci Maria Ferraz de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.2832013025	
CAPÍTULO 6	60
DESPROTEÇÃO SOCIAL E BARBÁRIE:A REALIDADE DE FILHOS E PAIS NA SEGREGAÇÃO DOS HANSENIANOS NA COMUNIDADE DE PARICATUBA IRANDUBA AM	
Ana Maria Menezes Fonseca Ângela Emília Gama da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2832013026	

CAPÍTULO 7	73
DISCRIMINAÇÃO E INVISIBILIDADE: OS SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA A PESSOA LGBTQI+ E EDUCAÇÃO	
Morgana Naiara Barbosa Moraes Luís Antonio Bitante Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.2832013027	
CAPÍTULO 8	82
E LÁ SE FORAM QUATRO ANOS: PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DOS JOVENS COM DEFICIÊNCIA	
Vanderlei Balbino da Costa Halline Mariana Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2832013028	
CAPÍTULO 9	92
EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O PLANTIO DE ÁRVORES FRUTÍFERAS COMO ELEMENTO MOTIVADOR	
Solidade Virgínia Cavalcante Alves Abigail de Souza Pereira Maria de Fátima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2832013029	
CAPÍTULO 10	102
EDUCAÇÃO DO CAMPO E ÊXODO RURAL NO EXTREMO OESTE CATARINENSE: UMA TESE EM SETE ARTIGOS	
José Fabiano de Paula Leonidas Roberto Taschetto	
DOI 10.22533/at.ed.28320130210	
CAPÍTULO 11	113
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DO DIREITO À REALIDADE	
Maria José Poloni Neide Cristina da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28320130211	
CAPÍTULO 12	127
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LEVANTAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE FAVOREÇAM O PENSAR CIENTÍFICO DA CRIANÇA E O REPENSAR DA AÇÃO DOCENTE	
Rosângela Duarte Elena Campo Fioretti Ana Claudia Paula do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.28320130212	
CAPÍTULO 13	145
EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: ELABORAÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PARASITOLOGIA	
Thaís Gomes de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.28320130213	

CAPÍTULO 14	155
EDUCAÇÃO EM QUÍMICA: O USO DA EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE SOLUÇÕES	
Josefa Vanessa dos Santos Araújo	
José Carlos Oliveira Santos	
Joabi Faustino Ferreira	
Vanderléia Fernanda dos Santos Araújo	
Victor Júnior Lima Félix	
Breno do Nascimento Ferreira	
Rita de Cássia Limeira Santos	
Maria Gabriela da Costa Melo	
Tárcio Rocha Dantas	
Anamélia de Medeiros Dantas Raulino	
DOI 10.22533/at.ed.28320130214	
CAPÍTULO 15	165
EDUCAÇÃO EUROPEIA NA IDADE MÉDIA: IMPORTÂNCIA DO CRISTIANISMO	
Ozineide Alves de Oliveira	
Maickey Lucas de Oliveira Maia	
DOI 10.22533/at.ed.28320130215	
CAPÍTULO 16	169
EDUCAÇÃO INCLUSIVA À LUZ DA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: APONTAMENTOS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO	
Raquel Almeida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.28320130216	
CAPÍTULO 17	177
EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ESCOLAS ESTADUAIS DE MUNICÍPIOS QUE FAZEM PARTE DO CURIMATAÚ E SERIDÓ PARAIBANO	
Judcely Nytyeska de Macêdo Oliveira Silva	
Leonardo Lira de Brito	
Maria de Fátima Carvalho Costa	
Amanda Feliciano da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28320130217	
CAPÍTULO 18	187
EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Josy Lira Dias	
Kelly de Oliveira Mota	
Zilma Torres Dias	
Maria Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.28320130218	
CAPÍTULO 19	199
EDUCAÇÃO SUPERIOR E MODELO ESTRATÉGICO DE GESTÃO	
Adelcio Machado dos Santos	
Audete Alves dos Santos Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.28320130219	

CAPÍTULO 20	210
EDUCAR PELA PESQUISA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO INTEGRAL ATRAVÉS DA EXPERIMENTAÇÃO EM QUÍMICA	
Patrícia Anselmo Zanotta Daniele Colembergue da Cunha Vanzin Marina Zanotta Rocha Maria do Carmo Galiuzzi	
DOI 10.22533/at.ed.28320130220	
CAPÍTULO 21	220
O JOGO PEDAGÓGICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Eduardo Junior da Conceição Marina Gomes da Silva Guedes Vera Borges de Sá	
DOI 10.22533/at.ed.28320130221	
CAPÍTULO 22	233
INCLUSÃO ESCOLAR: BARREIRAS ATITUDINAIS ENFRENTADAS NA APRENDIZAGEM	
Felipe Correa da Rosa Leite Claudete da Silva Lima Martins	
DOI 10.22533/at.ed.28320130222	
CAPÍTULO 23	242
ESCOLAS YANOMAMI E O CAMINHAR DE SUA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Katriny Alves de Aguiar Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel	
DOI 10.22533/at.ed.28320130223	
CAPÍTULO 24	254
ESQUIZOFRENIA E O PROCESSO EDUCACIONAL	
Tatiane Mello de Miranda Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.28320130224	
CAPÍTULO 25	265
ESTRATÉGIA PARA FORMAÇÃO EM GERONTOLOGIA, APLICAÇÃO DO PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR	
Daisy de Araújo Vilela Isadora Prado de Araújo Vilela Ana Lúcia Rezende Souza Marina Prado de Araújo Vilela Juliana Alves Ferreira Camila Ferreira Araújo Claurestina Ramires da Silva Keila Márcia Ferreira de Macêdo Glauco Lima Rodrigues Renata Machado de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.28320130225	

CAPÍTULO 26 278

ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA: ACESSIBILIDADE E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NA REDE MUNICIPAL DE PALHOÇA/SC

Erica de Oliveira Gonçalves
Gabrielly Cristine da Silva

DOI 10.22533/at.ed.28320130226

CAPÍTULO 27 300

FAMPREPARA: UMA AÇÃO PARA DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Neire Moura De Gouveia
Vanessa Rodrigues de Jesus
Lenilza Alves Pereira Souza
Daiana Sganzella Fernandes
Morgana Potrich

DOI 10.22533/at.ed.28320130227

CAPÍTULO 28 304

FILOSOFIA E PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE EM JEAN PIAGET E JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Letícia Alves Assis
Edson de Sousa Brito

DOI 10.22533/at.ed.28320130228

CAPÍTULO 29 313

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA COM FOCO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE – CTS

Luis Alexandre Lemos Costa
Luciana Carlena Correia Velasco Guimarães
Mauro Guterres Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.28320130229

CAPÍTULO 30 327

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES YANOMAMI: UMA EXPERIÊNCIA NO RIO MARAUIÁ

Katrinny Alves de Aguiar
Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel

DOI 10.22533/at.ed.28320130230

CAPÍTULO 31 336

A PARÁFRASE NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Giovanna Moraes Ferreira
Letícia Jovelina Storto
Débora Cristina Machado Cornélio
Heitor Messias Reimão de Melo
Fernando Sabchuk Moreira
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes
Monica Soares
Vanessa Cristina Scaringi

DOI 10.22533/at.ed.28320130231

SOBRE A ORGANIZADORA.....	347
ÍNDICE REMISSIVO	348

A PARÁFRASE NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

Data de aceite: 31/01/2020

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Giovanna Moraes Ferreira
Letícia Jovelina Storto
Débora Cristina Machado Cornélio
Heitor Messias Reimão de Melo
Fernando Sabchuk Moreira
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Cury Corrêa
Andreza de Souza Fernandes
Monica Soares
Vanessa Cristina Scaringi

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As paráfrases se constituem em reformulações de enunciados anteriormente ditos, que não alteram o significado semântico da elocução. Portanto, elas retomam algo já proferido, com uma mudança enunciativa. São vários os seus tipos: expansivas, sintetizadoras, paralelas, adjacentes, não adjacentes, autoiniciadas, heteroiniciadas e etc. Todas contribuem para manter a fala mais clara e compreensiva.

Neste trabalho são analisadas as paráfrases formuladas em discursos religiosos

proferidos pelos pastores Silas Malafaia, Valdemiro Santiago e Edir Macedo, tendo como aporte teórico estudos da Linguística Textual e da Análise da Conversação.

São analisados os tipos, as funções, a recorrência e os efeitos de sentidos desse elemento linguístico de grande uso, principalmente, na língua falada, buscando entender seu uso.

Através do método *empírico-indutivo* (MARCUSCHI, 2006; GALEMBECK, 1999 apud STORTO, 2015) e da abordagem *qualitativa e descritiva* (GRESSLER, 2003; TRIVIÑOS, 1987 apud STORTO, 2015), busca-se analisar as pregações que foram produzidas em situações reais de interação com os fiéis, avaliando as paráfrases mediante sua significação no discurso.

Primeiramente, são apresentados neste trabalho estudos da língua falada e seus processos de construção enumerados por Castilho (1998), o conceito de paráfrase, os materiais utilizados na pesquisa, a metodologia e por fim, a análise.

A LÍNGUA FALADA E SEUS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO

Na sociedade, há inúmeros meios de se expressar e manter relações com o outro, colocando em evidência as representações sociais de cada contexto. Nesse sentido, a língua falada se revela um rico instrumento de exteriorização dessas representações. Convém dizer o que caracteriza esse instrumento, para então partir para uma análise mais específica de um de vários de seus elementos. De acordo com Marcuschi (2005, p. 71), a

Língua falada é toda a produção linguística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais, em condições de proximidade física ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes.

Como coloca o autor, a língua falada é produção linguística característica do ato dialogal, realizada em uma situação livre e dentro de um contexto específico. A fala se constitui, portanto, como um modo de produzir textos ou discursos reais, e possui “[...] estratégias típicas do ponto de vista da formulação” (MARCUSCHI, 2005, p. 70-71). Como aponta Heine (2012), a fala não se constitui apenas do código linguístico, porque possui estratégias a ele específicas, como as hesitações, interrupções, correções, processamento textual, repetições, digressões, os meneios da cabeça etc, ou seja, elementos particulares do texto dialogal.

Uma característica importante de se salientar é a do planejamento discursivo. Rodrigues (1999) explica que na interação, um tópico conversacional é desenvolvido pelos interlocutores, e eles conversam sobre um tema estabelecido *a priori*, mantendo a conversa sempre em torno desse assunto ou tema, “condição indispensável para a coerência do produto da conversação, isto é, do texto conversacional” (RODRIGUEZ, 1999, p. 20). No entanto, a autora salienta que

em termos gerais, a língua falada apresenta uma tendência para o não-planejamento, ou, ainda, com base nas ideias de OCHS, a língua falada é planejada localmente, isto é, constitui uma atividade administrada passo a passo. (RODRIGUES, 1999, p. 20)

Ou seja, no texto conversacional, a interação é que encaminha o tema, de forma a administrá-lo de acordo com essa interação. Os interlocutores têm o que dizer, mas o desenvolvimento do tema no ato conversacional depende do trabalho que fazem juntos, na medida em que a conversa se realiza.

Outra característica especial da língua falada é a que Castilho (2004, apud Heine, 2012) diz, ao explicar que nela, locutor e interlocutor assumem co-autoria do texto, o que mostra que o texto se constrói por meio da interação estabelecida entre eles. O locutor e o interlocutor alternam seus papéis, criando o texto conversacional, de uma determinada situação comunicativa.

Castilho (1998, apud Galembeck, 2010, p. 49-60) inúmera três processos de construção da língua falada: a construção por ativação, por reativação e desativação. Na construção por ativação efetiva-se a organização e a construção fonológica do enunciado, contendo o tópico conversacional, unidades discursivas e marcadores conversacionais. Na construção por reativação, o locutor volta ao que disse, reformulando conteúdos do enunciado, e faz uso de repetições, paráfrases e correções. Já na construção por desativação, o locutor faz rupturas no que diz, suspende, temporariamente, a construção do tópico em andamento, com elementos como o truncamento de palavras, parênteses, pausas e digressões (ligados à sequência tópica).

O foco deste trabalho são as paráfrases, – elementos linguísticos muito utilizados na língua falada – que se encontram no processo de construção por reativação, em que o locutor volta ao já dito e reformula seu enunciado, contribuindo para o entendimento e compreensão de seu discurso.

A PARÁFRASE

De acordo com Galembeck e Takao (2001), paráfrase é o nome dado a reformulações de enunciados, quando mantido o mesmo significado do anterior. Estabelece uma “relação de equivalência semântica” (HILGERT, 1997) entre dois enunciados, pois conserva o seu sentido, absorve sua significação e reproduz certo texto com outras palavras, ou seja, com ordem e escolha sintática diferentes.

As paráfrases, como retomada textual, são produzidas no curso da fala, remetendo a algo anteriormente dito, o que, segundo Hilgert (2006), modifica parcial ou totalmente os enunciados, já que dão um tratamento linguístico-discursivo a segmentos já instalados no texto, tendo como característica um “*escopo retrospectivo*”.

Portanto, as paráfrases contribuem para determinado fim, seja para explicar melhor determinado assunto ou exemplificá-lo, sem uma mudança semântica. O significado da elocução permanece inalterado, o que muda é a maneira como ele é exposto, como ele é trazido à tona (GALEMBECK; TAKAO, 2001).

Segundo Galembeck e Storto (2013), há diversos tipos de paráfrase e a definição ora se dá por quem produz a paráfrase, ora pela sua localidade em um texto, e ainda por seu caráter, sua essência, o que ela traz em si.

De acordo com os autores, com relação à paráfrase que se dá por quem a produz, há quatro tipos: 1) a que o falante faz uso de paráfrase em seu próprio discurso, a autoparáfrase; 2) a que o interlocutor, ou seja, o receptor da mensagem parafraseia o que o outro disse, a heteroparáfrase; 3) a paráfrase relacionada a quem a desencadeia, sendo o próprio eu quem a produz, a autoiniciada; e a paráfrase desencadeada pelo interlocutor, no entanto produzida por outro, a heteroiniciada.

Quanto à localidade da paráfrase, há: paráfrase adjacente e paráfrase não adjacente. A paráfrase adjacente constitui-se naquela que é elaborada logo depois do enunciado matriz, não demora muito para ser feita. Já a paráfrase não adjacente, é aquela elaborada um pouco mais a frente, mais distante do enunciado matriz.

E por último, em relação a seu caráter, sua essência, Galembeck e Storto (2013) expõem vários tipos de paráfrases, definidas de acordo com o que ela traz em si, o que ela faz em um texto. São elas: a paráfrase expansiva, quando um enunciado é reformulado com um caráter mais complexo, mais detalhado e/ou mais longo; a paráfrase paralela, que traz em seu bojo a mesma dimensão textual do enunciado matriz; e a paráfrase sintetizadora, que resume, sintetiza o enunciado matriz, deixando-o mais enxuto.

MÉTODOS E MATERIAIS

Este trabalho tem como abordagem, o método *empírico-indutivo* (MARCUSCHI, 2006; GALEMBECK, 1999 apud STORTO, 2015, p. 39), pois parte de materiais obtidos em situações reais de interação verbal para fazer a análise.

A partir da análise dos tipos e da recorrência das paráfrases nos discursos religiosos selecionados, é considerada no estudo, também, a abordagem *qualitativa e descritiva* (GRESSLER, 2003; TRIVIÑOS, 1987 apud STORTO, 2015, p.39), porque visa a demonstrar a função e o efeito de sentido das paráfrases proferidas, não apenas a sua presença de forma estatística.

São analisadas as paráfrases, ou seja, um dos elementos constitutivos do processo de construção por reativação da língua falada, em pregações religiosas dos pastores Silas Malafaia, Valdemiro Santiago e Edir Macedo, expressivos nomes do discurso religioso televisivo.

ANÁLISE DO CORPUS: PARÁFRASES NO DISCURSO RELIGIOSO

Deve-se observar de início que como os discursos religiosos selecionados para o corpus não apresentam muita interação entre os pastores e os fiéis, já que se trata de interação assimétrica, não foram encontradas, conseqüentemente, paráfrases do tipo heteroparáfrases e heteroiniciadas, já que esses tipos de paráfrases requerem certa interação, por serem produzidas ou iniciadas pelo “outro”, ou seja, pelo interlocutor. Portanto, quanto ao tipo relacionado a quem as produz, é observada a predominância das autoparáfrases autoiniciadas.

Nas análises, os enunciados matrizes são marcados pela letra **M**, enquanto os enunciados parafrásticos são marcados pela letra **P**, facilitando assim, a compreensão das estratégias de reformulação, no caso, as paráfrases produzidas pelos pastores

já referidos anteriormente.

Quanto às paráfrases adjacentes, Hilgert aponta (2006, p. 284) que geralmente

[...] consistem na definição de um termo, conceitualmente mais adequado ao contexto; na substituição de um termo de uso comum por outro de uso especializado ou vice-versa; na desambiguação de um termo potencialmente polissêmico [...].

Nas autoparáfrases adjacentes expansivas encontradas no *corpus*, percebe-se uma tentativa de explicação do já tido a partir de uma ideia já formulada, muitas vezes, com palavras mais rebuscadas. Logo, nesse contexto, o locutor faz uso de paráfrases para deixar o conteúdo de seu discurso mais claro e compreensível, como em (1):

(1)

M: *é que você tá confundindo riqueza com prosperidade...*

P: *a Bíblia diz que as riquezas do homem não consiste no bem que ele possui...*

Neste excerto, o pastor, ao dizer que quem vive no pecado não prosperará, faz uma observação retórica, jogando um possível questionamento que os locutores fariam: “pastor o senhor não leva a mal não eu discordo... há con-tro-vér-sias... eu conheço gente vivendo muito bem... prosperamente e é o maior pecador cachorrão safado”. Depois explica que a prosperidade não é na área financeira, portanto, os fiéis não devem confundir riqueza com prosperidade.

Na pregação de Valdemiro Santiago, intitulada “amor aos irmãos e ódio ao mundo”, ele discorre sobre o amor que as pessoas devem ter em relação a todas as outras, inclusive às pessoas que se apresentam como inimigos. Por meio do uso de uma autoparáfrase adjacente expansiva, o pastor explica melhor sua fala, pois escolhe termos mais diretos, que podem tocar mais os interlocutores, mediante o termo “assassino”. Portanto, através dessa escolha sintática, ao parafrasear o já tido, ele tenta convencer o interlocutor dessa obrigação do amor ao próximo, já que se assim não o for, ele pode ser igualado a um assassino. Veja-se em (2):

(2)

M: *... odiar é tão grave quanto matar...*

P: *odiar... é TÃO grave quanto matar então quem odeia é assassino*

Na pregação de Edir Macedo, intitulada “Santo Culto 900 horas”, ele discorre sobre a obediência. Em uma determinada parte de seu discurso, o pastor narra um caso de uma pessoa que realizava ações que, segundo ele, não são aprovadas por Jesus, como ver material pornô, manter a televisão ligada, usar drogas etc, o que se

constitui em fatos que revelam a tentativa de entrada do Diabo na casa do fiel. Com isso, o pastor reforça a ideia de que praticar tais atos não reflete a permanência de Jesus no lar dos fiéis. Assim, o falante faz uso de uma metáfora em sua paráfrase para deixar claro para os interlocutores a ideia que defende. Veja, em (3)

(3)

era o Diabo...

M: *o Diabo querendo entrar...*

P: *o Diabo... forçando a porta pra entrar...*

As paráfrases adjacentes sintetizadoras revelam uma tentativa de simplificação do enunciado já formulado, a partir de palavras que resumem toda uma ideia. Os pregadores formulam uma frase, e logo usam de um determinado termo para resumir a ideia que desejam passar, escolhendo termos mais genéricos.

Em (4), o pastor define o termo “pecado”, quando traz um termo um pouco mais rebuscado: “transgredir”. Logo em seguida, mediante uma autoparáfrase adjacente sintetizadora, usa o verbo “desobedecer”, facilitando a compreensão com um termo mais recorrente na fala popular.

(4)

que é o pecado?... errar o alvo...

M: *... trans::gredir a Lei de Deus...*

P: *... de::sobedecer à Deus...*

Em (5), Valdemiro Santiago resume tudo o que disse, em uma única palavra que abarca toda a significação dos termos citados anteriormente. A partir dos termos “arrepentimento, conversão e transformação”, ele simplifica seu enunciado nos vocábulos “ser batizado”.

(5)

M: *... se se arrepender... se se converter... se for TRANSFORMADO ou seja...*

P: *se for batizado no amor de Deus*

Nas paráfrases adjacentes paralelas, percebe-se uma reiteração do já dito, por meio de uma mesma dimensão textual, o que quase as aproximam de uma repetição. Pode-se observar que são produzidas no intuito de reforçar a ideia defendida pelo locutor. Veja-se em (6) e (7):

(6)

você deve amar quem não gosta de você...

M: *que estorva a sua vida*

P: *que atrapalha a sua vida*

Ao pregar o amor ao próximo, o pastor salienta a ideia de amar não somente quem faz o bem para as pessoas, mas também quem “estorva”, “atrapalha”. O pastor faz uso de sinônimos para esclarecer sua fala, como ocorre, igualmente, em (7). O falante diz que o Espírito Santo toca nos corações dos fiéis que estão fazendo algo para a glória dele, usando verbos sinônimos para destacar essa certeza que profere.

(7)

M: *ele CONFIRMA no nosso espírito...*

P: *ele TESTIFICA... no nosso espírito...*

Como bem aponta Hilgert (2006, p. 284), a paráfrase não-adjacente “[...] concorre para a coesão tópica e, ao mesmo tempo em que interrompe uma evolução dispersiva e até desviante do tópico, a este assegura um desdobramento coerente”, ou seja, sendo uma volta ao tópico já enunciado, mantém a continuidade do assunto. Essas paráfrases são aquelas localizadas um pouco mais a frente do enunciado matriz, diferentemente das adjacentes, que são proferidas logo depois dele.

Em relação às paráfrases não-adjacentes expansivas, o *corpus* revela uma preocupação em voltar ao já dito, como meio de reforçar e salientar a ideia proferida. Elas conservam o andamento do tópico enunciado, pois retomam algo dito antes, depois de certa fuga desse tópico, criando nos interlocutores a ideia de um discurso bem estruturado, pois os enunciados trabalham junto para um tema final.

Ao falar sobre a questão do pecado (excerto 8), o pastor mostra que não é só por meio de ações que ele se configura, pois nasce na cabeça. Através de uma autoparáfrase não-adjacente expansiva, e de um gesto (apontar para a cabeça), o pastor reforça essa ideia, de que não é na ação que o pecado nasce e se concebe, mas já no pensamento da ação, na manifestação de desejos inconscientes.

(8)

M: *o pecado nasce aqui ((aponta a cabeça))...*

(...)

P: *aqui na mente que se concebe...*

No próximo exemplo, o locutor expande sua ideia por meio de mais adjetivos para expressar seu desejo em relação aos seus interlocutores. Com isso, cria uma imagem de generosidade e amor, pedindo a Deus, não apenas mãos prósperas para os fiéis, mas mãos abençoadas, consagradas e produtivas.

(9)

M: *(que) estas mãos sejam PRÓSPERAS meu pai*

(...)

P: *eu peço que estas mãos sejam limpas prósperas... consagradas... produtivas... abençoadas...*

As paráfrases não adjacentes sintetizadoras apresentam um caráter esclarecedor e simplificador do enunciado matriz, pois trazem em seu bojo textualizações mais curtas, isso por meio de escolhas sintáticas muito parecidas, no entanto, em posições diferentes.

Em (10), o locutor faz uso de uma autoparáfrase não adjacente sintetizadora para reforçar a ideia que ele defende a respeito de que *todo* homem é pecador. Quase se configura em uma repetição, que se traduz em se reforçar, reiterar a ideia que o pastor formula. No entanto, como na reformulação ele usa diferentes escolhas sintáticas, tem-se a paráfrase.

(9)

“como por um homem... entrou... a morte no mundo... e assim... pela morte o pecado... ela passou a TODOS os homens... por isso... que todos... pecaram”...

M: *a prova que todo homem é pecador... é porque todo homem sofre... sente dor... e morre...*

(...)

P: *como todo homem so::fre... sente dor::... e mo::re... é a prova... do pecado...*

Em (11) ao explicar que o termo “guerra santa” é mal empregado porque Deus é amor, o pastor faz uso da autoparáfrase não adjacente sintetizadora para reforçar o que defende – ser conversa fiada.

(10)

M: *essa história aí de guerra santa... guerra em nome de Deus isso é conversa fiada...*

(...)

P: *tem guerra santa não... isso é conversa...*

Nas paráfrases não adjacentes paralelas, notam-se características bem parecidas às paráfrases adjacentes paralelas: ser quase uma repetição. Com termos bem parecidos, elas mantêm a mesma dimensão textual, reiterando o que o locutor defende. Ao formulá-las, o pastor deixa mais claro o que diz, sustenta através de outras palavras, a mesma ideia. Em (12), nota-se como ele assegura para os interlocutores o quão generoso Deus fica se fizerem o que lhe agrada:

(11)

M: *agrada à Deus e você vai ter tudo o que você quer...*

(...)

P: *agrada à Deus e você vai ter tudo eu garanto a você...*

Já em (13), o pastor reforça a ideia de que andava apenas em bons caminhos, reiterando a concepção de sempre ter sido obediente à palavra de Deus.

(12)

M: *eu procurava andar... certinho direitinho... cumprindo os meus deveres...*

(...)

P: *eu... procurava obedecer fazer de acordo como mandava o figurino..*

De forma geral, as três pregações analisadas apresentam uma maior recorrência de autoparáfrases adjacentes paralelas, seguidas de autoparáfrases adjacentes expansivas. Portanto, é possível observar que em suas pregações, os pastores proferem com mais frequência paráfrases adjacentes, ou seja, paráfrases proferidas logo após o enunciado matriz, paráfrases paralelas, que reformulam o já dito em uma mesma dimensão textual, geralmente, mediante uso de sinônimos, e expansivas, usadas para explicar e reiterar o já dito através de um enunciado mais elaborado, de maior dimensão textual. Observe no quadro abaixo a recorrência dos tipos de paráfrases encontradas no *corpus* analisado:

Tipos de paráfrases	Recorrência
Autoparáfrase, autoiniciada, adjacente e expansiva	13
Autoparáfrase, autoiniciada, adjacente e paralela	20
Autoparáfrase, autoiniciada, adjacente e sintetizadora	11
Autoparáfrase, autoiniciada, não-adjacente e expansiva	10
Autoparáfrase, autoiniciada, não-adjacente e paralela	7
Autoparáfrase, autoiniciada, não-adjacente e sintetizadora	6

O uso recorrente de paráfrases adjacentes revela o intuito de deixar a pregação mais clara e compreensível, já que logo após o enunciado matriz, elas já são produzidas. Como explica Hilgert (2006, p. 284), as paráfrases adjacentes “[...] na maior parte de suas ocorrências realizam a aproximação lexical no processo de escolha do termo mais adequado para os propósitos comunicativos do falante”, tornando, como já dito, a fala mais inteligível e acessível ao interlocutor. O falante

tenta ao máximo se fazer compreendido e faz uso das paráfrases adjacentes para atingir tal objetivo.

A recorrência das paráfrases adjacentes paralelas apresenta no *corpus* quase que uma repetição, pois são produzidas por meio de sinônimos e pouca mudança lexical. Como mostra Hilgert (2008, p. 297), que as denomina, também, de paráfrases simétricas, “[...] verifica-se uma gradativa aproximação lexical por meio de sucessivos deslocamentos semânticos da matriz para a paráfrase [...]”, ou seja, usa-se um léxico muito parecido com o da matriz em sua produção. Ainda segundo o autor, a paráfrase paralela “responde a uma necessidade de adequação vocabular ou de precisão terminológica” (HILGERT, 2008, p. 298).

As paráfrases adjacentes expansivas, o segundo tipo de paráfrase mais recorrente no *corpus*, revelam a preocupação do locutor de manter o enunciado melhor explicado, exemplificado e definido. Segundo o autor supracitado, o falante faz uso das paráfrases expansivas quando sente necessidade de definir melhor um termo ou expressão. Portanto, elas apontam um caráter didático nas pregações selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar esse recurso linguístico muito recorrente na língua falada – a paráfrase – e mostrou que, em geral, elas propiciam um desenvolvimento mais claro do texto conversacional, já que explicam melhor um enunciado, reiteram e reforçam algo já dito.

A análise mostrou que os tipos de paráfrases mais usados nas pregações escolhidas para análise foram as autoparáfrases adjacentes paralelas e as autoparáfrases adjacentes expansivas, revelando o intuito de os pastores sempre buscarem reforçar o que dizem, mediante explicações, definições e usos de palavras sinônimas, facilitando a compreensão dos fiéis para, provavelmente, persuadi-los sobre o que eles defendem e pregam.

As reformulações parafrásticas se revelam importantes na medida em que reiteram o que está sendo dito, proporcionando não apenas uma melhor compreensão, mas de certa forma facilitando a memorização do conteúdo dos discursos proferidos.

Espera-se, com esse trabalho, contribuir com as pesquisas relacionadas ao estudo do discurso religioso e suas estratégias de formulação e organização textual, ao usar a paráfrase como recurso esclarecedor, enfatizador, explicativo e definidor.

REFERÊNCIAS

GALEMBECK, Paulo de Tarso; STORTO, Letícia Jovelina. Paráfrases em conversações digitais: marcas da oralidade em interações midiáticas por computador. Domínios de Linguagem, Uberlândia,

v. 7, n. 2. jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 30 maio. 2016.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; TAKAO, Márcia Reiko. A paráfrase em aulas para os ensinos médio e superior. *Soletras*, São Gonçalo (RJ), Ano I, nº 1, jan. /jun. 2001. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras>>. Acesso em: 30 maio. 2016.

GALEMBECK, P. T.. Processos de construção de textos falados e escritos. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. XIV, p. 49-60, 2010. ***como fazer referência desse texto, prof?***

HEINE, Lícia Maria Bahia. Aspectos da língua falada. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v.6, n.7, p.196-216, 2012.

HILGERT, José Gaston. A paráfrase na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: Ingedore V. G. Koch. (Org.). *A gramática do português falado*. 1ed. Campinas: Unicamp / Fapesp, 1997, v. 6, p. 131-147.

HILGERT, José Gaston. Parafraseamento. In: Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi; Koch, Ingedore Gruenfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. 1ed.Campinas - SP: Editora Unicamp, 2006, v. I, p. 275-299.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: _____. *Fala e Escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. v. 1. p. 57-84.

PRETI, Dino (Org). *Língua falada e língua escrita*. In: RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Projeto Nurc/SP, 1999. p. 13-32.

STORTO, Letícia Jovelina. *Discurso Religioso Midiático: argumentação e língua falada em pregações evangélicas*. 2015. 332. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX".

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 7, 98, 120, 121, 122, 123, 145, 148, 230, 250, 314, 315, 322, 325, 332
Annona muricata L 92, 93, 99
Aprendizagem docente 27
Arborização escolar 92, 100
Atenção integral à saúde 73
Atendimento educacional especializado 1, 2, 4, 6, 33, 84, 85, 86, 87, 90

C

Conocimiento científico 8, 9
Cotidiano escolar 27, 31, 35, 36, 37, 42, 46, 281
Cristianismo 165, 166
Cultura escolar 38, 39, 40, 41, 46, 49, 50, 147

D

Deficiência intelectual 1, 3, 4, 175
Design-based research 51, 52, 59
Design cognitivo 51, 53, 54, 55, 56, 58
Didáctica de la Biología 8, 10
Divulgação científica 143, 145, 146, 148, 299

E

Educação de jovens e adultos 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126
Educação do campo 102, 104, 105, 106, 107, 110, 111
Ensino de química 156, 164, 325
Ensino médio 44, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 118, 119, 156, 157, 158, 159, 164, 210, 212, 213, 218, 220, 225, 226, 231, 249, 301, 302, 303, 325
Escola parque 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Escola pública estadual 38
Espaço não escolar 145, 148
Espaços culturais 38
Êxodo rural 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112
Extremo oeste catarinense 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112

F

Formação continuada 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 128, 129, 135, 142, 143, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 231, 297, 313, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 347
Formação de professores 37, 83, 86, 129, 130, 131, 134, 135, 143, 145, 147, 164, 191, 194, 198, 218, 242, 247, 249, 251, 252, 253, 314, 316, 318, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 329, 335

H

Historia de las Ciencias 8

I

Idade média 132, 165, 166, 167, 168

Inclusão 1, 48, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 113, 114, 121, 125, 130, 131, 143, 147, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 233, 234, 235, 240, 241, 253, 262, 263, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 297, 298, 299

Inclusão escolar 82, 84, 85, 86, 87, 113, 174, 176, 177, 185, 233, 234, 235, 241, 263, 283, 284, 285, 297, 299

J

Jogo 1, 3, 4, 5, 6, 115, 119, 220, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 321, 322, 331

L

Legislação 68, 86, 88, 106, 113, 114, 123, 179, 192, 246, 252, 327, 328

Letramento científico 145, 148

M

Matemática 1, 7, 219, 236, 238, 250, 254, 302, 313, 318, 321, 323, 324, 332

Metodologia experimental 156, 159

Museu virtual 51, 54, 56, 57, 58

P

Pensamiento científico 8

Pequenos querubins 92, 94, 98, 99, 100, 101

Política pública de saúde 73

Políticas educacionais 37, 82, 282

População LGBTQI+ 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80

Prática pedagógica 27, 31, 34, 36, 39, 47, 129, 134, 231, 241, 273

Práticas culturais 38, 48

S

Sociocultural 77, 102, 103, 104, 111, 131, 195, 253

Soluções 4, 35, 45, 52, 55, 155, 156, 158, 159, 160, 163, 202, 206, 208, 216, 223, 262, 270

T

Tese 102, 103, 105, 106, 112, 143, 144, 176, 186, 200, 218, 253, 263, 323, 325, 346

 **Atena**
Editora

2 0 2 0